



Santa Teresa também tem problemas de trânsito, principalmente no verão

SANTA TERESA

Rumo à descaracterização

Texto de Júlio Fabris
Fotos de Gildo Loyola

Andando pelas ruas de Santa Tereza, ainda é possível ouvir algumas expressões em italiano, ver uma pessoa tocando concertina e cantando uma antiga canção trazida pelos imigrantes, e admirar um sobrado construído há 70 anos. Mas tudo isto está acabando. Lentamente, a tradição dos imigrantes está sendo esquecida. O prefeito da cidade acena com o projeto de construir uma rua que, para alguns, poderá ser mais um golpe na tradição local.

nova rodoviária que será construída praticamente no centro da cidade. O projeto, que já está em exposição na prefeitura, prevê também a derrubada de uma padaria, próximo ao hospital da cidade, mas que não tem valor arquitetônico.

Comenta-se na cidade, contudo, que, em função da nova rua, alguns antigos moradores que têm casas praticamente encostadas ao local onde a rua irá passar, pretendem derrubá-las, loteando os terrenos. Isso já implicaria na perda de um bonito moinho perto da igreja de Santa Teresa, e de outra casa antiga da cidade. O cineasta Orlando Bomfim, autor do filme *Tutti, Tutti Buona Gente*, sobre traços da imigração italiana em Santa Teresa, alerta que o exemplo pode ser seguido por outros moradores da cidade, implicando na derrubada de outras casas antigas.

O argumento principal para a obra é de que é necessário desafogar o trânsito nas proximidades do hospital. A rua que vai da igreja ao estabelecimento dá passagem para dois carros, mas, frequentemente, uma das pistas é usada para estacionamento de carros, pois praticamente todos os moradores possuem automóvel. Assim, fica apenas a outra pista, que nos dias de maior movimento torna-se quase intransitável.

solucionar a grave questão do estacionamento na cidade: atualmente quase todos os proprietários de carro são obrigados a estacionar em cima das calçadas. O prefeito reconhece que ele próprio é obrigado a fazer isto, "dando o mau exemplo". No projeto da nova rodoviária, estaria previsto um estacionamento que talvez atendesse à cidade.

Mas, de onde viriam os recursos para uma obra assim? Valdir Loureiro diz que, por enquanto, a idéia é ir fazendo o serviço lentamente, de acordo com o orçamento próprio da Prefeitura. Ele admite que o órgão tem muitos encargos, principalmente no interior onde há carência de escolas e estradas, para se dedicar unicamente a uma obra deste tipo. Com o dinheiro que fosse sobrando desses outros encargos, ele iria, usando o próprio pessoal da Prefeitura, executando a obra. Esta está, por sinal, parada atualmente.

— Nós estamos fazendo o que é possível fazer. Mas estamos, ao mesmo tempo, sondando a Empresa Brasileira de Transportes Urbanos EBTU no sentido de obtermos verbas suplementares. Os contatos em Brasília já foram feitos, inclusive junto a Eliseu Rezende. Há promessas de verbas por parte do

tel Central será derrubado. E diz que Santa Teresa já está desfigurada, pois só algumas casas têm o estilo da colonização.

— Sei que o poder público contraria muitas pessoas. Mas não é possível conservar tudo.

Ele diz que já tentou na sua gestão anterior (de 1967 a 1971) melhorar o traçado urbano da cidade, estabelecendo que toda a casa nova teria que ter um afastamento da rua, o que permitiria, a médio prazo, a existência de ruas mais largas. Ele saiu da Prefeitura, e esta lei não foi mais obedecida. Belmiro Perini, por sua vez, afirma que uma das coisas que poderiam ser feitas para a preservação da sua característica urbana, seria um plano diretor, tanto urbano como rural, que as diversas administrações seguiriam. Assim se evitaria o problema de solução de continuidade através das administrações. Afinal, há risco de que a nova rua comece a ser feita e seja esquecida pelos sucessores do atual prefeito.

O proprietário do hotel Central Hilário Pasolini vê com naturalidade não só a desapropriação do seu imóvel, como também a construção da nova rua: "Eu vejo tudo isto dentro de uma situação de crescimento da cidade — é preciso ampliar, principalmente para que

O artesão Virgílio Lambert, de 89 anos de idade, vive até hoje na mais antiga casa de Santa Teresa. Erguida em 1875, pelos

lanternas e portas antigas, construídas à mão pelos imigrantes, quase sempre, trabalhados, de bom efeito decorativo, em janelas corrediças, portas de aço etc.

Como uma das poucas cidades do Estado onde o aspecto de cidade nascida pela mão do imigrante ainda existe, Santa Teresa vê tanto o estilo arquitetônico como o próprio folclore italiano, os dialetos usados, o costume do imigrante, morrerem lentamente. Em frente à igreja, por exemplo, há o bar Elite, de propriedade do descendente de alemães Clemência Hoffman, onde aos domingos os netos e bisnetos dos primeiros imigrantes se reúnem para cantar canções trazidas da Itália: atualmente, não é todo domingo que são vistos mais neste local, e quando o são, a média de idade entre eles fica em torno de 50 anos. Com a morte deles, é provável que não se ouçam mais as concertinas.

O processo parece ser irreversível. E o resultado disto tudo parece também claro: Santa Teresa tende a deixar de ser uma cidade tipicamente de colonização italiana, pela perda de sua arquitetura característica, e também pelo desaparecimento do folclore italiano, que tenta resistir. Tudo isto, em princípio estaria relacionado com a modernização da cidade. E um projeto da Prefeitura, segundo alguns, estaria ajudando a selar a sorte da cultura italiana ainda viva na região: trata-se da construção de uma estrada ligando o centro de Santa Teresa ao hospital, na saída da cidade.

A obra, em princípio, está orçada em Cr\$ 100 milhões. O projeto original prevê a derrubada de uma das mais antigas construções da cidade, o hotel Central, datada de 1917, para se fazer um acesso à nova rua, e também a uma

maneira, as ruas de Santa Teresa são apinhadas de gente, com muitas pessoas conversando em alemão e, menos frequentemente, em italiano. A tarde o movimento morre. E situação é tão particular que o Banco do Brasil local começa a funcionar às sete da manhã, para fechar logo à uma hora.

A idéia de realizar um projeto deste foi do atual prefeito Valdir Loureiro, que está ocupando a função pela segunda vez e que, paradoxalmente, mora em Vitória. Segundo Valdir Loureiro, esta "é uma obra da maior importância, pois as ruas de Santa Teresa são muito estreitas, e para ir ao hospital, às vezes gasta-se duas horas. Com este projeto, o trânsito ficaria aliviado".

Há, contudo dificuldades para a realização do projeto. Em primeiro lugar, o orçamento total da Prefeitura, este ano, ficou em torno de Cr\$ 52 milhões — projeto custa quase o dobro que a Prefeitura gasta para administrar todo o município. Valdir Loureiro admite que isto possa ser encarado como uma aberração, mas acrescenta que a obra é da mais alta necessidade para a cidade.

O projeto de Cr\$ 100 milhões, bem entendido, não se refere somente à nova rua: ele também prevê uma rodoviária nova, no caminho que vai para o vale do Canaã, num local muito próximo ao centro da cidade. A rodoviária não implicará em desapropriação em termos de construção; o terreno onde está prevista a construção rodoviária está dependendo de inventário, e como o número de herdeiros é muito grande, a desapropriação do local, pela Prefeitura, seria até uma solução.

Valdir Loureiro acrescenta que, com a abertura da nova rua e construção da rodoviária, seria possível também

que a nova rua, em termos de preservação da cidade, teria pelo menos uma vantagem: tiraria o transporte pesado da rua antiga, que pode comprometer o casario, além de representar um risco para o serviço d'água, pois a canalização de abastecimento está enterrada de maneira insuficiente.

Belmiro Perini observa, por outro lado, que "infelizmente quase todas as cidades antigas estão descaracterizadas". Em Santa Teresa esta descaracterização tem sido muito forte ultimamente. Basta notar que muitas casas antigas têm sido derrubadas, e em seu lugar estão sendo construídos os já tradicionais caixotes arquitetônicos, sem qualquer estilo, e em inteiro desacordo com as características climáticas da região. Belmiro Perini diz que, nos últimos anos, de cada dez casas construídas, nove são caixotes. Acrescenta, contudo, que isto está acabando. "As casas atualmente construídas estão ficando um pouco mais diversificadas".

O próprio Virgílio Lambert, com os seus 89 anos, tem observado isto; "antigamente as casas tinham um estilo mais colonial. Agora estão fazendo um estilo mais moderno, de arquitetura quadrada. É o modo de viver, não?". Virgílio diz que a cidade tem mudado muito nos últimos tempos. Para ele, todas as casas da cidade agora são relativamente novas; das velhas, apenas a que ele mora. Sua casa está sendo pretendida pela Prefeitura para ser um museu da imigração italiana. A idéia existe há muito tempo, só que sua aplicação sequer se esboçou ainda.

Em termos de descaracterização de Santa Teresa, Valdir Loureiro defende o seu projeto, afirmando que apenas o ho-

encarregar da preservação seria bom. É um problema de conscientização. Os novos não estão preocupados em manter a característica arquitetônica da cidade. Nem o folclore. As canções italianas serão logo esquecidas. Em muitos lugares, já foram esquecidas. A escola poderia ser o veículo pela qual se poderia manter viva a história da imigração.

A se seguir o processo atualmente em curso, a história local será logo esquecida. Virgílio Lambert, que é filho de imigrantes, conta que os primeiros italianos a chegarem em Santa Teresa dormiam sob as árvores, até que conseguissem abrir clareiras na densa mata tropical e ergueram as primeiras casas. Curiosamente a própria língua trazida pelo imigrante está sendo esquecida; segundo Orlando Bomfim, só mais no interior é que se encontram pessoas novas que falam algumas coisas de italiano, mais precisamente os dialetos.

Orlando Bomfim adverte que a perda da característica de cidade de imigrantes, trará inclusive prejuízos econômicos para Santa Teresa. Ele afirma que seria possível para a cidade sobreviver só com o turismo, e com pequenas indústrias que explorassem produtos da região, como vinho, roupas de frio etc. Mas, com a desfiguração e a perda da tradição, o turismo torna-se inviável.

Para alguns teresenses, essa desfiguração está associada ao progresso. Há um caso que hoje é lembrado com indignação: a igreja local tinha um bonito lustre de 16 lâmpadas, antigo, e que funcionava perfeitamente. Um padre que chegou na região trocou o lustre por algumas lâmpadas fluorescentes. Do lustre, nunca mais se ouviu falar.



O hotel Central, construído em 1917, será demolido para a tender ao progresso